

AVALIAÇÃO DA CARGA MENTAL DE TÉCNICOS DE ENFERMAGEM DO SETOR DA CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO OESTE DO PARANÁ – HUOP

ISABELE MAIA GALVÃO
JOSÉ MOHAMUD VILAGRA
HELENARA SALVATI BERTOLOSSI MOREIRA
EDUARDO ALEXANDRE LOTH
PAULA CAROLINE DOS SANTOS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE, CASCAVEL,
PARANÁ, BRASIL
isamgalvao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Com a industrialização, mecanização e a aplicação de técnicas computadorizadas, o ambiente de trabalho tem sofrido várias modificações. Cada vez mais, tem-se um ambiente de trabalho com ritmo acelerado em busca de produtividade e qualidade, impondo desta forma condições extremamente insalubre à saúde humana como um todo.

Essas mudanças no mundo do trabalho têm influenciado as formas de organização da produção e do próprio trabalho, o qual se torna com conteúdo mais cognitivo. De um modo geral, isto influencia de maneira negativa a saúde física e mental do trabalhador (FERNANDES, PACE e PASSOS, 2000).

Para Elias e Navarro (2006) a incorporação de novas tecnologias não significa, no ambiente hospitalar, o “alívio da labuta humana”, ao contrário, o setor é essencialmente de trabalho intensivo.

Portanto, já para Barboza e Soler (2003), o ambiente hospitalar expõe o trabalhador muitas vezes às condições inadequadas de trabalho, além da exposição de riscos de ordem biológica, física, química, ergonômica, mecânica, psicológica e social. Pois, os hospitais constituem-se em locais de aglutinação de pacientes acometidos por diferentes problemas de saúde, assistidos por trabalhadores diversos da área da saúde.

Desta forma, mesmo sendo um promotor de saúde, o hospital pode ser considerado também como desencadeador de riscos à saúde de seus trabalhadores. Sendo que geralmente, os trabalhadores da enfermagem possuem piores condições de trabalho em relação a outros serviços (GONZALES e CARVALHO, 2003).

Porém, no âmbito hospitalar o agravo a saúde dos trabalhadores não se restringe apenas na dimensão física, mas também na dimensão cognitiva. Dentre os agentes psicossociais causadores de danos à saúde estão: o contato frequente com o sofrimento e a morte; a monotonia de atividades repetitivas e parceladas e turnos rotativos de trabalho; e, fadiga que leva ao estresse. No mesmo sentido, Elias e Navarro (2006) apontam o crescimento dos fatores psicossociais no adoecimento dos trabalhadores, diante da alta pressão social e psicológica que estes estão submetidos.

Entende-se então por carga mental, a união dos aspectos psíquicos e cognitivos; a primeira está relacionada a fatores afetivos no trabalho (como a relação entre o trabalhador e o paciente); já a segunda advém das exigências cognitivas das tarefas, sendo estas: uso da memória, as decisões e o raciocínio (ISO 10075).

Diante do contexto de grande exigência, não apenas física, mas também cognitiva do técnico de enfermagem, o presente trabalho teve por objetivo principal verificar a carga mental e identificar os fatores estressores possíveis desencadeadores da sobrecarga mental dos técnicos de enfermagem que executam suas funções no setor de clínica médica e cirúrgica do Hospital Universitário do Oeste do Paraná – HUOP.

METODOLOGIA

O presente trabalho se trata de um estudo quantitativo realizado com técnicos de enfermagem que executam suas funções no setor de clínica médica e cirúrgica do Hospital Universitário do Oeste do Paraná – HUOP. A amostra do estudo perfaz um total de dez técnicos.

Este trabalho foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário do Oeste do Paraná – HUOP e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, número do parecer 131.768.

Primeiramente os funcionários foram avaliados, por um único avaliador, no início da jornada de trabalho, por meio de um questionário para caracterização da amostra e para a investigação dos possíveis fatores estressores desencadeadores da sobrecarga mental (anexo I). Este questionário inclui questões sobre: fatores organizacionais do trabalho e relacionados a própria função do trabalhador.

E em seguida, responderam ao questionário NASA-TLX (apêndice A), que se refere à carga mental. Este instrumento foi traduzido e validado em português, e, se trata de um procedimento metodológico de taxa que avalia sobrecarga mental de uma forma multidimensional, sendo esta avaliação baseada na média ponderada de seis sub-escalas: demanda mental (ou exigência mental), demanda física (ou exigência física), demanda temporal (ou exigência temporal), nível de realização, nível de esforço e nível de frustração (CÔRREA, 2003).

Os funcionários receberam informações quanto às definições dessas seis sub-escalas e demais informações necessárias para o preenchimento adequado do questionário.

Os critérios de inclusão adotados foram: ser técnico de enfermagem no setor de clínica médica e cirúrgica do Hospital Universitário do Oeste do Paraná – HUOP, ter disponibilidade de responder ao questionário, aceitar e assinar o termo de compromisso livre e esclarecido. Enquanto os critérios de exclusão foram: ser profissional administrativo, manutenção e/ou apoio e limpeza; e, profissionais da com diagnóstico de distúrbios psicológicos e psiquiátricos.

Os dados referentes a caracterização da amostra foram tabulados na planilha do programa e foi realizada uma análise descritiva por meio do programa estatístico SPSS 15.0. O questionário NASA-TLX possui uma metodologia própria, sendo então, interpretado conforme sua metodologia.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 10 técnicos de enfermagem do setor de clínica médica e cirúrgica do HUOP, sendo 9 técnicos do gênero feminino e apenas 1 do gênero masculino. A média de idade foi de 34,8, sendo a mínima de 21 e a máxima de 43 anos de idade.

A jornada dos técnicos entrevistados é de 36 horas semanais, sendo que todos trabalham em um período fixo de trabalho.

Dos 10 técnicos de enfermagem entrevistados, 5 realizam horas extras por mês. A média das horas extras foi de 39 horas extras no mês, sendo que a mínima foi de 5 horas e a máxima de 80 horas.

Em relação a dupla jornada de trabalho, apenas um dos técnicos possui outro local de trabalho, o técnico do gênero masculino, no qual desenvolve função de educador físico, perfazendo uma carga horária semanal de 18 horas, sem realizar horas extras. Enquanto que as 9 técnicas respondera quem precisam trabalhar em casa, realizando as atividades domésticas, estas consideram portanto, como um outro trabalho.

O quadro abaixo mostra os resultados sobre os possíveis fatores estressores desencadeadores da sobrecarga mental, a pergunta questionadora era “Para você, quais fatores abaixo tornam seu trabalho estressante?”.

Quadro 01: Possíveis fatores estressores desencadeadores da sobrecarga mental

Item	Número de vezes que foi escolhido
Óbito do Paciente	1
Paciente em ventilação mecânica na enfermaria	6
Pacientes acamados	2
Falta de funcionário no setor	9
Falta de Equipamentos de Proteção Individual	1
Insatisfação com o salário e/ou plano de cargos e carreira	0
Outros:	
-Falta de material	4
-Falta de colaboração da equipe	3
Nenhum	0

As sub-escalas do questionário NASA-TLX obtiveram as seguintes média: demanda física 14, demanda mental 19, pressão de tempo 17, desempenho 10, nível de frustração 6 e esforço 14. Desta forma, a média total das sub-escalas analisadas foi de 80, representando um alto índice de sobrecarga mental.

DISCUSSÃO

Segundo Martins (2002), a profissão de enfermagem requer um estado de alerta incessante, exigindo do profissional um estado de plena saúde física, mental e emocional, pois está diretamente ligada com o cuidado ao ser humano, com o processo de cura e reabilitação de pacientes, onde por pequenos descuidos e falhas podem resultar em sérias complicações.

Por estarem diretamente em contato com os pacientes, e serem responsáveis pelo cuidado a eles oferecido, os profissionais da enfermagem lidam rotineiramente com as mais diversas situações envolvendo não só os pacientes, como também seus familiares (FARIAS et al., 2007).

As mulheres constituem maioria na área da enfermagem, considerando as diferenças fisiológicas e emocionais, bem como a necessidade de conciliação entre trabalho doméstico e atividade profissional (caracterizando jornada dupla), é fácil perceber o porquê do desgaste físico, mental e emocional relacionado ao desempenho. Esses resultados seguem a tendência de estudo da área que afirmam que a profissão de enfermagem se mantém predominantemente feminina em todos os níveis (MAGALHÃES et al 2007). Da mesma forma, as 9 técnicas entrevistadas no presente estudo, ao serem questionadas se possuíam outro local de trabalho, responderam que realizam trabalho doméstico em outro expediente, executando dessa forma, dupla jornada de trabalho, que é fator conhecido de sobrecarga física e cognitiva. O que pode explicar as altas médias das subescalas demanda física 14 e demanda mental 19.

A manipulação do paciente, o transporte do mesmo auxiliado por macas e cadeiras de rodas, seu deslocamento para realização de exames, as rotinas de higienização do paciente, de desinfecção e esterilização de materiais contaminados, manejo, reposição de materiais, acelerado ritmo de trabalho e uma gama de outros procedimentos caracterizam o dia-a-dia da

enfermagem causando-lhe cansaço e dores no corpo, o que pode favorecer o aparecimento de doenças ocupacionais e acidentes no trabalho (LEITE; SILVA; MERIGHI, 2007). Estes fatores podem explicar a alta média da pressão de tempo e da carga física encontrada nos técnicos entrevistados, visto que há diversas tarefas para serem executadas em pouco período de tempo, bem como a exigência de grande esforço físico característica da atividade associada a condição física menos favorecida do gênero feminino e a dupla jornada de trabalho.

Segundo Farias *et al.* (2007), muitas vezes a estrutura física da instituição hospitalar é inadequada e há ausência de recursos materiais e de equipamentos essenciais para execução do trabalho. Fatores que podem gerar frustração, irritação e fadiga no funcionário que tem de se adaptar a situação apesar de realizar bem o seu trabalho, pois sabemos que o ambiente interfere na qualidade de vida do ser humano. Além disso, a falta de funcionários para compor a equipe se torna ainda mais estressante. O número reduzido de técnicos de enfermagem e um grande número de pacientes internados é realidade em diversos hospitais.

Nesse mesmo sentido, Marziale (2004) afirma que as inadequadas condições de trabalho oferecidas aos que trabalham em hospitais têm sido tema de discussão desde a década de 1940 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), que faz recomendações referentes à higiene e segurança no trabalho.

A falta de materiais e de funcionários pode estar relacionada com a alta média da carga mental, carga física, pressão de tempo e ainda com o nível de frustração dos técnicos, visto que estes fatores fazem parte do relato dos entrevistados e que as condições insatisfatórias estão relacionadas a fatores biológicos, físicos, químicos, psicossociais e ergonômicos, os quais podem causar danos à saúde dos profissionais que ali atuam.

Outro fator estressor mais citado pelos técnicos entrevistados foi a presença de pacientes em ventilação mecânica (VM) na enfermaria.

Para Cesarino *et al* (2005) e Almeida *et al* (2009), a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um conjunto de elementos funcionalmente agrupados, destinados ao atendimento de pacientes graves que necessitam de assistência médica e de enfermagem ininterruptas, com equipamentos específicos, recursos humanos especializados, além de acesso a outras tecnologias destinadas ao diagnóstico e terapêutica. Por isso, na UTI é seguido um protocolo básico para todos os pacientes, pois os mesmos requerem uma avaliação em intervalos regulares e um monitoramento maior.

Apesar de toda especificidade e necessidades inerentes à VM, a presença destes pacientes fazem parte da rotina do setor estudado, porém, nas enfermarias não há materiais disponíveis para tal suporte, nem número suficiente de funcionários para monitorar ininterruptamente o paciente em VM, assim como na UTI. Desta forma, a admissão do paciente em VM no setor caracteriza-se em um importante fator de sobrecarga cognitiva.

Conclusão

Na amostra avaliada foi verificado um alto índice de sobrecarga mental, o qual pode ter relação com alguns fatores estressores, sendo os principais identificados na presente pesquisa a falta de funcionário no setor e a presença de pacientes em VM na enfermaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA A.S et al **Sentimentos dos familiares em relação ao paciente internado na unidade de terapia intensiva.** Universidade Federal de Sergipe. Curso de Enfermagem. Aracaju, SE. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília 2009 nov-dez; 62(6): 844-9.

BARBOZA, D.B.; SOLER, Z.A.S. Afastamento do trabalho na enfermagem: ocorrências com trabalhadores de um hospital de ensino. Revista Latino-am Enfermagem 2003 março-abril; 11(2):177-83.

CESARINO C. B. et al, **Percepções dos pacientes em relação à Unidade Terapia Intensiva.** Revista: Arquivo Ciência Saúde 2005 jul-set;12(3):158-61

CORRÊA, F.P.. Carga mental e Ergonomia. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção – Área de Concentração Ergonomia, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2003.

ELIAS, M.A.; NAVARRO, V.L.. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. Revista Latino-Am Enfermagem 2006 Julho-Agosto; 14(4):517-25

FARIAS, S. N.P.de *et al.* A qualidade de vida no trabalho de Enfermagem. Escola Ana Nery Revista de Enfermagem. Rio de Janeiro, v.1, n.3, p.487- 493, setembro 2007.

FERNANDES, S.R.P.; PACE, D.M.T.; PASSOS, F.D. Organização e condições de trabalho em telemarketing: repercussões na saúde psíquica dos trabalhadores, 2000.

GONZAZLES, B.B.; CARVALHO, M.D.B. Saúde mental de trabalhadoras do serviço de limpeza de um hospital universitário. Revista Acta Scientiarum. Health Sciences. Maringá, v. 25, no. 1, p. 55-62, 2003.

LEITE, P. C. SILVA, A. MERIGHI, M. A. B. A mulher trabalhadora de Enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.41, n.2, p.287-291, junho 2007.

MAGALHÃES A.M.M. *et al.* Perfil dos profissionais de enfermagem do turno noturno do hospital de clínicas de Porto Alegre. Revista do Hospital das Clínicas de Porto Alegre. Porto Alegre v.27,n. 2 p161-7, set.2007.

MARTINS, M. M. Qualidade de vida e capacidade para o trabalho dos profissionais em enfermagem no trabalho em turnos. Florianópolis.2002. <disponível em: http://w.nucidh.ufsc.br/tese/dissertação_marilu.pdf. Acesso em 10 nov 2012].

MARZIALE, M. H. P. riscos de contaminação, ocasionados por acidente de trabalho com material perfuro cortantes entre trabalhadores de enfermagem. Revista Latina América de Enfermagem.v12,n.1 Ribeirão Preto.Jan.fev.2004.

Isabele Maia Galvão

Rua Belo Horizonte, 752 – Centro ; Cascavel, PR; Brasil

Email: isamgalvao@hotmail.com

Cel: (45) 9944-2813